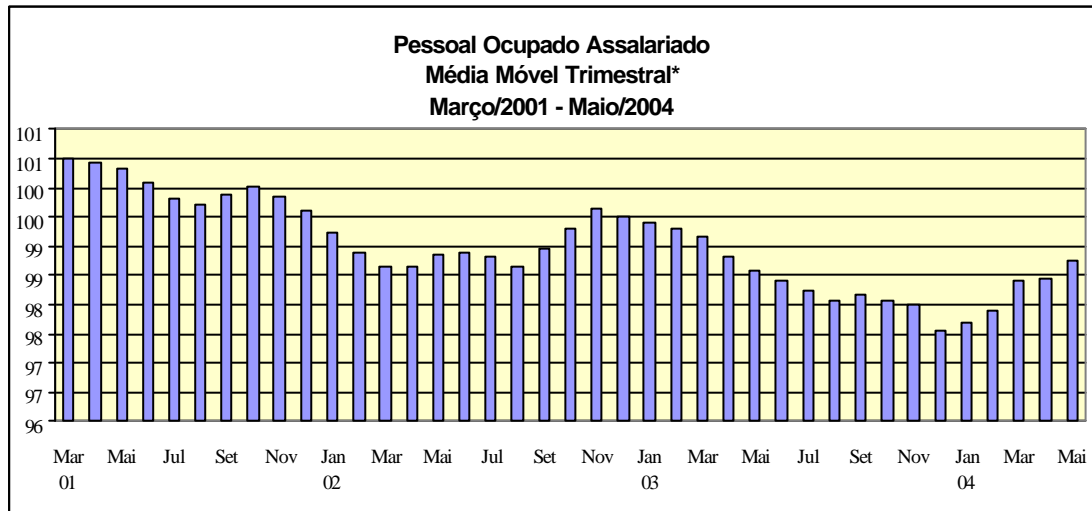


## Comentários

### PESSOAL OCUPADO ASSALARIADO

Entre abril e maio deste ano, o número de contratações no setor industrial volta a superar o de demissões, na série livre de influências sazonais, com o nível de emprego mostrando acréscimo de 1,0%. Este movimento de expansão é confirmado pelo índice de média móvel trimestral, que mostra um ganho de 0,3% entre os trimestres encerrados em maio e abril.



Fonte: IBGE/DPE/Coordenação da Indústria

\* Série com ajuste sazonal

Nos demais indicadores, observa-se que o emprego industrial mostra expansão (0,9%) na comparação com maio de 2003, primeiro resultado positivo desde abril de 2003. Nos indicadores para períodos mais abrangentes as taxas ainda permanecem negativas: -0,3% no acumulado no ano e -0,9% no dos últimos doze meses.

No confronto maio 03/ maio 04, o nível de emprego se amplia em nove das quatorze áreas investigadas, com Minas Gerais (3,8%), seguido por região Norte e Centro-Oeste (4,8%) e Paraná (3,6%) exercendo as maiores influências positivas no índice nacional. Em Minas Gerais, o acréscimo de

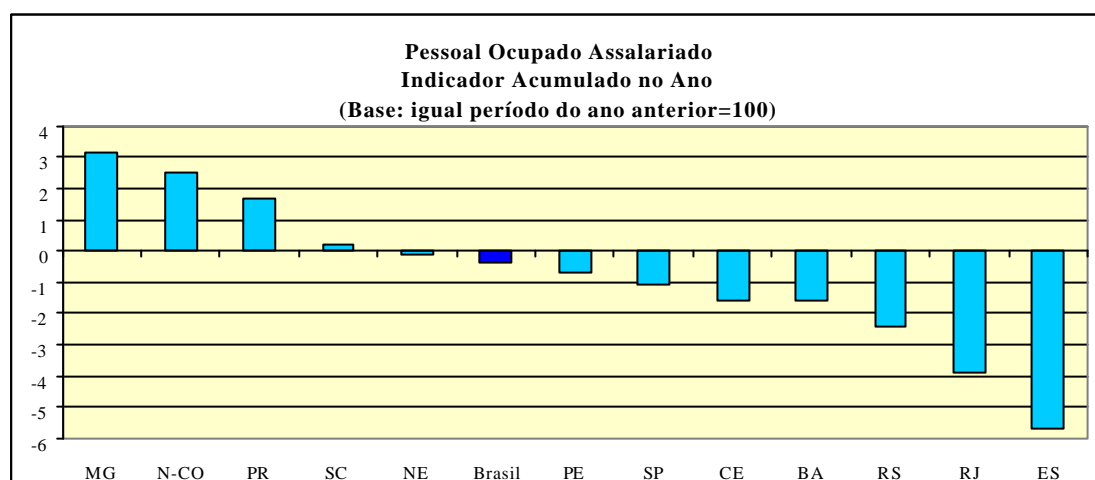
peçoal observado na indústria de borracha e plástico (45,0%) foi determinante na formação do resultado local; na região Norte e Centro-Oeste, a expansão mais significativa ficou com alimentos e bebidas (8,1%) e; no Paraná, vestuário (16,3%) foi a principal contribuição positiva. Também neste confronto, Santa Catarina (2,4%) pressiona positivamente o índice geral, em razão, principalmente, das contratações observadas em madeira (10,5%) e máquinas e equipamentos (12,8%). Entre os locais que mostram perdas de postos de trabalhos, sobressaem os recuos assinalados no Rio de Janeiro (-3,6%), Rio Grande do Sul (-1,1%) e Pernambuco (-4,6%), pressionados pela redução no contingente de trabalhadores em produtos de metal (-38,3%), calçados e couro (-6,5%) e alimentos e bebidas (-11,6%), respectivamente.

Ainda neste confronto, em nível setorial são observados, no total do país, acréscimos no emprego em doze dos dezoito setores analisados, sobressaindo, em função do dinamismo na produção, os impactos positivos das contratações efetuadas nos ramos de máquinas e equipamentos (12,5%) e alimentos e bebidas (2,6%). Em contraste, o recuo de maior pressão no cômputo geral, ficou com vestuário (-8,8%), vindo a seguir produtos de metal (-8,8%), papel e gráfica (-6,0%) e minerais não-metálicos (-5,3%).

O indicador acumulado no ano, negativo desde julho do ano passado, mostra ligeira desaceleração no ritmo de queda frente aos meses anteriores, uma vez que registra -0,8% em março, -0,6% em abril e -0,3% em maio. O número de demissões foi maior que o de admissões em dez locais pesquisados, entre os quais destacaram-se, com as principais influências negativas, as indústrias de São Paulo (-1,1%) e, conseqüentemente, as da região Sudeste (-0,7%). Também vale destacar, em termos de impacto, os recuos assinalados no Rio Grande do Sul (-2,4%) e Rio de Janeiro (-3,9%). Em contraposição, Minas Gerais mais uma vez tem se revelado o estado com a maior contribuição positiva sobre o emprego, registrando 3,0% de

crescimento e apoiado sobretudo na expansão das contratações no setor de alimentos e bebidas (10,0%).

No âmbito setorial, ainda no indicador acumulado para janeiro-maio, oito ramos reduziram as admissões, com destaque para a influência negativa vinda de vestuário (-10,7%). Em contrapartida, respondendo pelas pressões positivas mais significativas, destaca-se novamente máquinas e equipamentos, com ampliação de 11,4% nos postos de trabalho.



Fonte: IBGE/DPE/Coordenação da Indústria

Por fim, segundo o indicador acumulado nos últimos doze meses, verifica-se suave desaceleração no ritmo de queda do emprego entre abril (-1,0%) e maio (-0,9%), com dez locais e nove setores pesquisados mostrando redução no contingente de trabalhadores. A maior contribuição negativa foi devida à vestuário (-8,7%), enquanto a maior positiva deveu-se à máquinas e equipamentos (7,3%). Regionalmente, São Paulo (-1,7%) determinou a principal influência negativa, seguido novamente por recuos no Rio Grande do Sul (-2,5%) e Rio de Janeiro (-4,4%). Por outro lado, os quatro locais que apresentaram índices positivos foram: região Norte e Centro-Oeste (2,8%), Paraná (2,0%), Minas Gerais (0,8%) e Santa Catarina (0,3%).

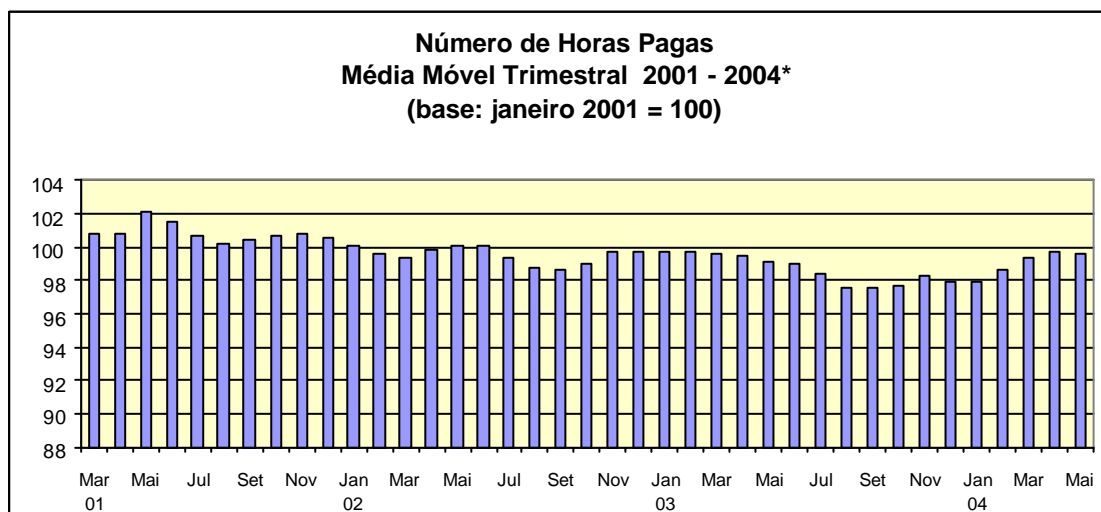
Em síntese, o aumento de postos de trabalho verificado em maio, tem reflexo nos índices de média móvel trimestral que mostra trajetória ascendente nos últimos meses, acumulando 1,3% entre os trimestres encerrados em maio e dezembro de 2003. Esse resultado se confirma no

confronto com o ano passado, onde o emprego é positivo no indicador mensal, o que não era observado desde abril de 2003. Contudo nas outras comparações as taxas ainda permanecem negativas, porém com resultados menos intensos do que em meses anteriores.

#### NÚMEROS DE HORAS PAGAS

Em maio, o total de horas pagas aos trabalhadores da indústria exibiu um acréscimo de 0,3% em relação a abril, já descontado o efeito sazonal. Na comparação com igual mês do ano anterior apontou crescimento de 0,6%, o índice acumulado no ano apresenta variação nula (0,0%) e o acumulado nos últimos doze meses registra queda de 0,9%. A jornada média de trabalho, por sua vez, decresceu no indicador mensal (-0,2%), obteve um pequeno aumento no acumulado do ano (0,3%) e ficou estável no acumulado nos últimos doze meses (0,0%).

Após uma trajetória ascendente iniciada em janeiro de 2004, o indicador de média móvel trimestral registra queda de 0,2% na jornada de trabalho entre os trimestres encerrados entre maio e abril.



Fonte: IBGE/DPE/Coordenação de Indústria  
\*série com ajuste sazonal

O número de horas pagas da indústria, segundo o indicador mensal, apresenta crescimento de 0,6%, determinado pelo desempenho positivo de oito dos quatorze locais e onze dos dezoito ramos pesquisados. Em termos

setoriais, os maiores impactos positivos foram observadas nas atividades de máquinas e equipamentos (14,5%), borracha e plástico (7,7%) e meios de transporte (5,4%). Por outro lado, as principais contribuições negativas ficaram por conta das indústrias de vestuário (-9,8%), produtos de metal (-8,9%) e papel e gráfica (-4,6%).

No que tange as regiões, ainda no confronto maio 04/ maio 03, os desempenhos positivos mais relevantes no resultado nacional vieram de Minas Gerais (4,1%), Região Norte e Centro-Oeste (3,4%) e Paraná (2,8%). Na indústria mineira, os segmentos de borracha e plástico (83,8%), máquinas e aparelhos eletro-eletrônicos (18,2%) e alimentos e bebidas (4,1%) exerceram os maiores impactos positivos; na indústria da região Norte e Centro-Oeste os destaques foram alimentos e bebidas (5,0%), máquinas e aparelhos eletro-eletrônicos (12,5%) e meios de transporte (11,1%). Já na indústria paranaense, o segmento de vestuário com expansão de 9,6% foi a principal pressão positiva. Em contrapartida, as principais influências negativas foram representadas por Rio de Janeiro (-5,2%), Rio Grande do Sul (-1,2%) e São Paulo (-0,2%). Nestas regiões, os segmentos de produtos de metal (-40,5%), calçados e couro (-6,4%) e vestuário (-29,3%) foram, respectivamente, os maiores impactos negativos.

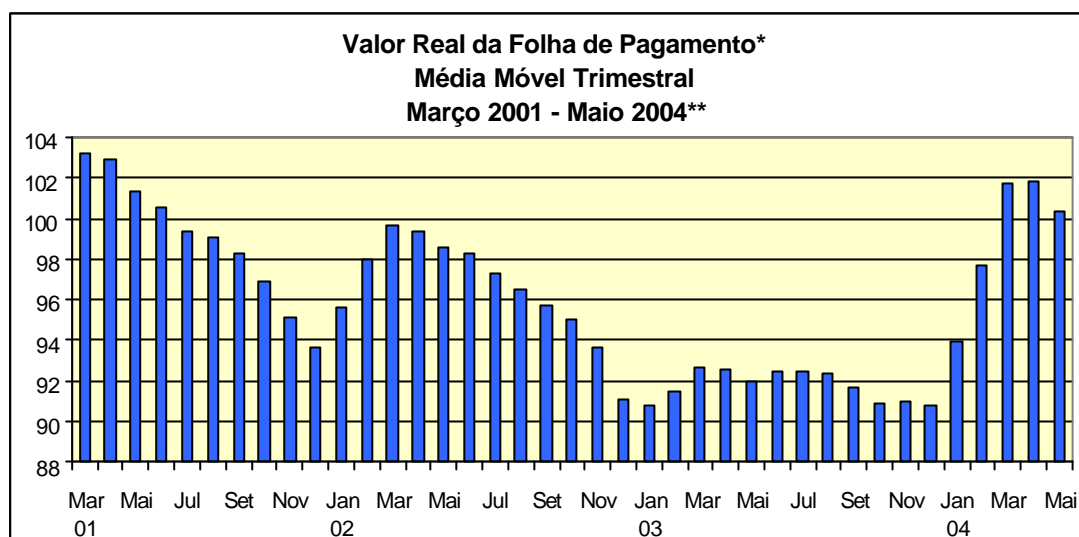
O acumulado janeiro-maio mostra que não houve variação (0,0%) no número de horas pagas da indústria, em relação a igual período do ano anterior. Contribuíram positivamente seis regiões e dez setores industriais. Os locais responsáveis pelos maiores impactos positivos foram: Minas Gerais (3,6%), Região Norte e Centro-Oeste (1,6%) e Paraná (1,5%). Em contrapartida, Rio de Janeiro (-5,2%), Rio Grande do Sul (-1,9%) e São Paulo (-0,5%), exerceram as maiores pressões negativas. No âmbito setorial, no total do país, os impactos positivos mais relevantes vieram de máquinas e equipamentos (13,2%), borracha e plástico (5,4%) e metalurgia básica (8,3%). Por outro lado, vestuário (-10,9%) e têxtil (-5,8%) foram as principais contribuições negativas.

Por fim, o índice acumulado nos últimos doze meses apresentou em maio decréscimo de 0,9%, dando continuidade a trajetória ascendente iniciada em fevereiro (-1,2%). As atividades vestuário (-9,0%) e máquinas e equipamentos eletro-eletrônicos (7,6%) exerceram, respectivamente, as principais pressões, negativa e positiva. Já os locais que responderam pelos maiores impactos, negativo e positivo, respectivamente, no cômputo geral foram São Paulo (-1,3%) e Paraná (2,5%).

#### **FOLHA DE PAGAMENTO**

A folha de pagamento dos trabalhadores da indústria, na série livre de influências sazonais recuou 1,1% em relação ao mês de abril, queda menos acentuada do que a registrada na passagem entre março e abril (-2,3%). Já nos demais indicadores, o valor da folha de pagamento industrial apresentou crescimento: 7,2% em comparação à maio do ano passado, 8,8% no acumulado do ano e 1,9% no acumulado nos últimos doze meses. Em relação à folha de pagamento média, os três principais indicadores também registraram resultados positivos: 6,3% no confronto com maio do ano anterior, 9,2% no acumulado do ano e 2,8% para o acumulado nos últimos doze meses.

A redução real na folha de pagamento entre os meses de abril e maio é confirmada pelo indicador de média móvel trimestral, que mostra perda de 1,5% entre os trimestres encerrados em abril e maio, interrompendo a trajetória de recuperação iniciada em janeiro deste ano.



Fonte: IBGE/DPE/Coordenação de Indústria

\*deflacionado pelo IPCA-IBGE

\*\*série com ajuste sazonal

No indicador mensal de maio, a folha de pagamento real, expandiu-se 7,2%, refletindo o resultado favorável em treze dos quatorze locais pesquisados. O maior impacto positivo, na folha de pagamento, ocorreu na região Sudeste (7,0%), em função do desempenho dos estados de São Paulo (8,6%) e Minas Gerais (12,5%). O bom resultado de São Paulo foi determinado, principalmente, pelo setor de máquinas e equipamentos (50,4%) e, em menor medida, por meios de transporte (7,5%). Em Minas Gerais, produtos químicos (36,4%) e alimentos e bebidas (18,6%) foram os destaques. Vale citar também a boa performance da região Norte e Centro-Oeste (11,3%), impulsionada pelo crescimento do valor da folha salarial em alimentos e bebidas (22,0%) e em máquinas e aparelhos eletro-eletrônicos (25,9%). O único local que apresentou diminuição no valor da folha foi o Rio de Janeiro (-10,4%), com forte pressão negativa da indústria extrativa (-54,5%).

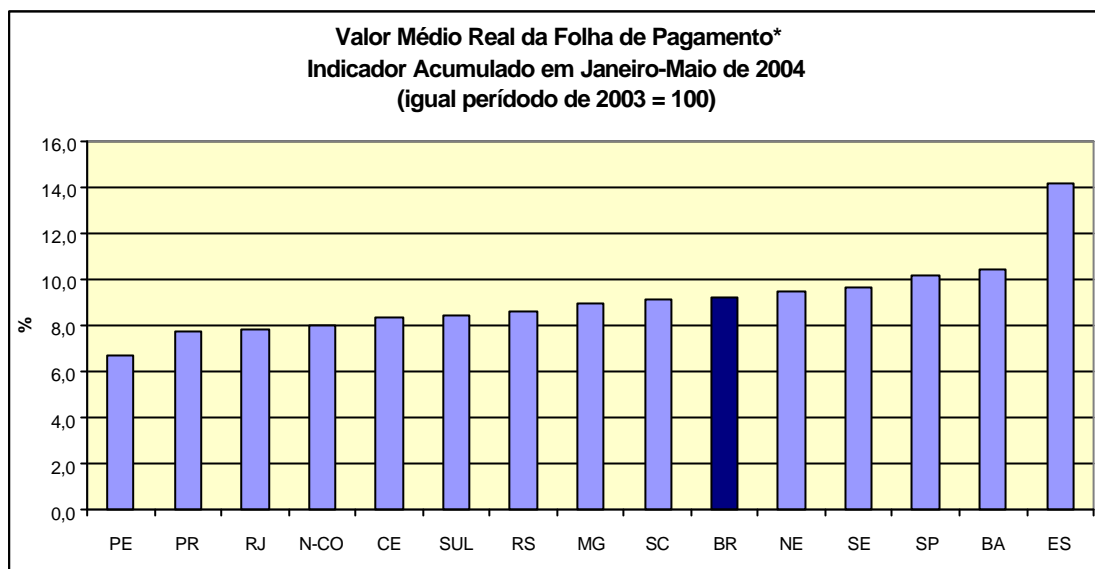
Setorialmente, ainda no indicador mensal, houve aumento real na folha de pagamento em treze das dezoito atividades industriais. Máquinas e equipamentos (30,1%), meios de transporte (9,8%) e alimentos e bebidas (8,8%) foram as principais influências positivas. Em sentido contrário, as

maiores pressões negativas vieram de indústria extrativa (-17,5%), têxtil (-12,2%) e produtos de metal (-8,0%).

O indicador acumulado do ano registrou, em maio, expansão de 8,8% no valor real da folha de pagamento, com acréscimos em todos os locais pesquisados. Os maiores impactos positivos ocorreram na região Sudeste (8,9%), devido aos ganhos salariais em São Paulo (9,0%) e Minas Gerais (12,4%), com destaque para máquinas e equipamentos (47,6%) e metalurgia básica (19,2%), respectivamente. Em seguida, vale mencionar, o estado do Paraná que expandiu sua massa salarial em 9,5%, sobretudo, devido, a alimentos e bebidas (17,9%).

Ainda neste tipo de comparação, em termos setoriais, houve expansão no valor real da folha de pagamento em quinze dos dezoito ramos industriais investigados. Para a formação da taxa de 8,8%, as contribuições mais significativas vieram de máquinas e equipamentos (29,7%), produtos químicos (11,6%) e alimentos e bebidas (8,5%). Inversamente, as principais pressões negativas foram assinaladas em têxtil (-9,7%) e produtos de metal (-3,1%). Em relação a folha de pagamento média real, houve crescimento em dezesseis das dezoito atividades industriais pesquisadas. Em termos regionais, todos os locais verificaram expansão, as quais variaram entre os 6,7% registrados em Pernambuco e os 14,2% no Espírito Santo, conforme mostrado no gráfico abaixo.





Fonte: IBGE/DPE/Coordenação de Indústria  
 \*Deflacionado pelo IPCA-IBGE

Na análise do indicador acumulado nos últimos doze meses, a folha de pagamento real verificou um aumento no ritmo de crescimento em maio (1,9%), quando comparado com o resultado de abril (0,8%). Seguindo a mesma tendência, a folha média assinalou uma sensível melhora entre abril (1,8%) e maio (2,8%).